

Antônio Carlos:

Foi uma cena digna de uma página de Jorge Amado. No terreiro, os atabaques ressoavam convocando todos os orixás da Bahia para saudar o grande chefe que, todo de branco, lavou sua alma em público e quase cria uma crise institucional.

O ex-governador Antônio Carlos Magalhães, o "Toninho Malvadeza", não poderia deixar passar em branco a visita do seu arquiinimigo político Paulo Maluf à sua terra querida, principalmente no seu aniversário. E reagiu como o último dos machões baiano.

O ocaso do machão baiano

Depois de vinte anos de crista baixa, raro entre as pernas e fundilho de fora, pronto a receber pontapés, a classe política teve, anteontem, um fugaz instante de desvairada vingança: o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, em linguagem que lembra a sua origem lacerdista (embora ele tenha, em determinado momento, enfrentado Lacerda por causa de Juracy Magalhães), atacou rudemente o ministro da Aeronáutica, Décio Jardim de Mattos. Não contente com a nota distribuída à imprensa, Toninho Malvadeza, como é chamado pelos seus inimigos (hoje mais da metade da Bahia) deitou e rolou bravatas pela televisão.

Embora comemorada pelos atabaques do candomblé baiano, a virulência de Antônio Carlos não comoveu os principais líderes da oposição e desagrado profundamente o candidato Tancredo Neves, a quem Magalhães, no íntimo, deve ser dedicado a sua bravata. Por outro lado, quem conhece a Bahia e Antônio Carlos Magalhães sabe que ele não poderia deixar por menos. Fosse em outro dia e em outro

local, e o discurso do brigadeiro Décio Jardim de Mattos teria passado sem nenhuma resposta ou, quando muito, teria suscitado de Magalhães uma das muitas respostas evasivas com que a classe política finge não entender os recados de militares.

Acontece que o discurso foi disparado no aeroporto de Salvador e no dia do aniversário de Antônio Carlos. Ele precisava desesperadamente de uma "deixa" para se sair bem da afronta que era o desembarque de Maluf, comboiado por Figueiredo, no aeroporto que ele, Antônio Carlos, ajudara a construir. A "pomba-gira" desse líder estava a mais de 200 quilômetros por hora: Era, enfim, a reputação do último grande macho da política baiana que estava em jogo. E Antônio Carlos, além de necessitado, adorava esses gestos de coragem física na arena política.

O brigadeiro Décio Jardim de Mattos entrou na história porque era o "gancho" mais disponível, no momento. A verdade, contudo, é que Antônio Carlos precisava "explodir" e não en-

contrava oportunidade desde o dia da convenção do PDS em que Paulo Maluf infringiu-lhe contundente derrota. Naquele dia ficou claro que Antônio Carlos perdeu o comando do PDS baiano e que é um cacique em pleno processo de decomposição de sua liderança. Ao passar-se, com armas e bagagens, para a candidatura Tancredo Neves, ele experimenta, a cada dia que passa, as dores da hemorragia inexorável de seu prestígio. Os melhores analistas políticos entendem que ele não levará para Tancredo, no Colégio Eleitoral, mais do que 3 ou 4 votos, uma exibição de impotência política.

Sua reação ao discurso do brigadeiro Décio não deve ultrapassar o sentido do gesto de um homem magoado e encerrado na sua própria casa, no dia de seu aniversário, pela ofensa política que era a presença de Maluf, na Bahia.

Se não dissesse o que disse, provavelmente explodiria, literalmente, com o que os médicos chamam de insulto cerebral. Antônio Carlos apenas transferiu o insulto.

mesma tecla. E verdade que as palavras foram das mais duras. Mas isso são os ossos do ofício.

Tanto quanto se sabe, o presidenciável Paulo Maluf não faz brilhar a menina dos olhos do brigadeiro. Um fato antigo e outro que aconteceu ontem, no aeroporto da capital baiana deixam transparecer isso. Era notório, embora não público, que a candidatura do vice Aureliano Chaves, quando ainda existia, tocava o coração de Décio. No dia em que o avião da Cruzeiro, este ano, foi desviado por três brasileiros para Cuba, o ministro, horas depois, deu uma entrevista em sua casa, avaliando a situação. Já com o papo sobre o sequestro encerrado, um repórter, ao se despedir jogou verde: "Ministro como é que estamos em termos de sucessão presidencial?" Por uns instantes o ministro ficou calado mas a sua esposa, que estava por perto, adiantou: "Aqui em casa nós somos Aureliano". Décio tratou de conservar, acrescentando que a Dona Rute até podia ser Aureliano, mas ele era o candidato que o Presidente apoiasse. Obvio, não?

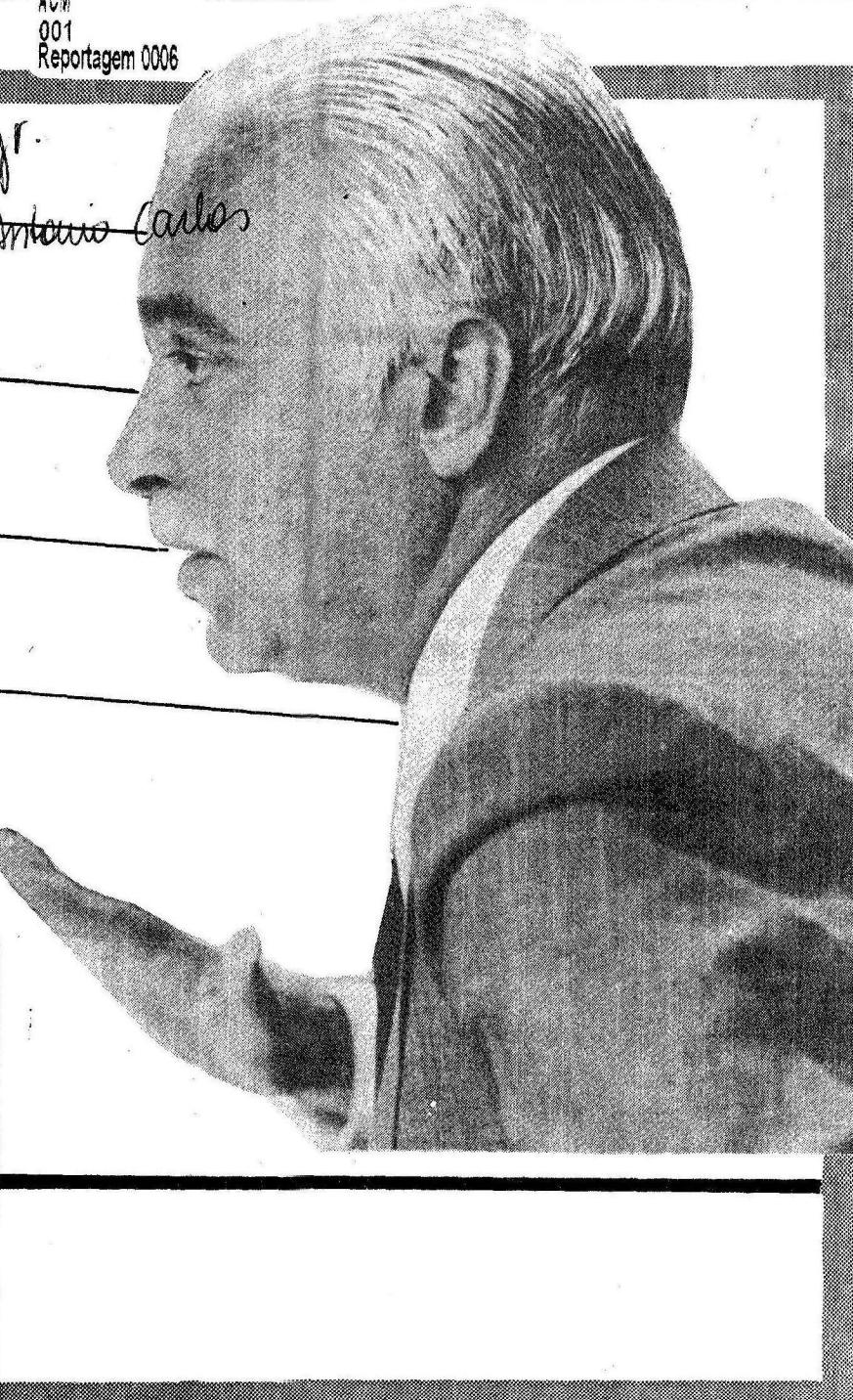
O discurso do brigadeiro e ministro foi apenas óbvio para quem conhece, um pouco do espírito de unidade da corporação. Por mais hipócrita que possa parecer a valiação do senador Marco Maciel, dizendo que a carapuça não lhe servia, é a que está mais perto da realidade. Em termos de estratégia política, não é pivô da questão.

Antônio Carlos Magalhães tinha anteontem, pelo menos, a obrigação de consultar os demais companheiros que apóiam a candidatura Tancredo, para então se posicionar sobre o discurso do ministro. Afinal, ele não é o único dissidente do PDS, embora o discurso do ministro tenha sido feito no seu quintal. E ele sabe, ou pelo menos deveria saber, que em política existem armadilhas.

O discurso do brigadeiro e ministro foi apenas óbvio para quem conhece, um pouco do espírito de unidade da corporação. Por mais hipócrita que possa parecer a valiação do senador Marco Maciel, dizendo que a carapuça não lhe servia, é a que está mais perto da realidade. Em termos de estratégia política, não é pivô da questão.

A resposta do ministro da Aeronáutica, em conversa depois com os jornalistas, de que as palavras do seu discurso serviam em quem coubesse a carapuça, não passa de uma velha e surrada resposta, que ele é usurio e vezeiro em dar, sempre que faz um discurso barroco, tão a seu gosto. O que vale mesmo é fato de ter dito que o discurso servia apenas para mostrar a coesão das Forças Armadas. E se o discurso do ministro do Exército, há dias, foi sobre os dissidentes, Décio, ainda que a contragosto, teria, por tradição militar, que bater na

um pavio curto à espera do incêndio



Produto típico da Bahia

Fui assessor na Secretaria de Planejamento da Bahia, à época em que Antônio Carlos Magalhães era governador do estado, pela primeira vez. Pude de perto sentir a força da sua liderança, a vontade ferrea de tornar-se, definitivamente, o maior líder que a Bahia poderia ter. Nunca, em tempo algum, a Bahia sentiu um líder com a força carismática deste homem. Ele é temperamental, corajoso, como poucos, sabe brigar e não leva desafetos para casa. Não há, na Bahia, quem não o respeite como adversário que sabe lutar e sempre ganha.

Não é rancoroso como se comenta. Segundo alguns amigos pessoais, tal como o deputado Antônio Osório Batista, que foi seu Secretário de Planejamento, é um homem profundamente amoroso, que

Filho de uma tradicional família, baiana, médico, o vi surgir como prefeito de Salvador, derrubando cercas, invasões, abrindo novas



Com o ministro Mário Andreazza, seu antigo aliado

avenidas e tornando a cidade moderna e eficiente. Um político com visão religiosa, ligado às tradições do candomblé, frequenta os terreiros de Menininha do Gantois e outros como verdadeiro crente e não como oportunista, como alguns podem pensar. Dos políticos baianos, ele me parece ser o representante legítimo das tradições desde sua culinária à religiosidade. Tem todas as virtudes e defeitos do homem baiano, um tipo essencialmente diferente da gente brasileira.

Pela sua acuidade mental, político no sentido mais apropriado, presimoso e carismático, desmontou toda a estrutura tradicional da política baiana, afastando definitivamente os políticos representativos das famílias tradicionais do Estado, tais como Luis Viana Filho, Juracy Magalhães, os Simões, Lomanto Júnior, e outros, que hoje são praticamente coisa do passado para a realidade política baiana.

A personalidade de ACM é algo tão forte que, na verdade, ele é o homem que governa de fato, a Bahia. Dizem alguns amigos bem chegados a ele que não há outro nome que possa combatê-lo na próxima eleição ao governo da Bahia, pelas diretas.

Wanderley Pinto Lopes

A “provocação” de um veterano

Momentaneamente a coisa ficou meio preta. Foi como se o Maracanã estivesse cheio e com o público assistindo a um Fla-Flu. De repente, milhares de torcedores, em vez de prestarem atenção no jogo, começaram a aplaudir a pancadaria surgida num canto das arquibancadas. O meio de campo da sucessão presidencial já vinha prometendo embalar. Ontem embolou mesmo, aparentemente, não de vez. Entraram em cena uns abelhudos. E como todo o abelhudo que se preza, falou quando não deve falar. Por incrível que isto possa parecer, mesmo depois daquela Ordem do Dia do ministro do Exército, Walter Pires e do discurso do ministro da Aeronáutica, Décio Jardim de Mattos, os militares são os menos culpados por essa situação, ainda que tenham sido o pivô da questão.

Abelhudo mesmo foi o ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

A resposta do ex-governador da Bahia às palavras do ministro da Aeronáutica fez lembrar aqueles discursos dos calouros no movimento estudantil. Discursos inflamados, românticos e que são tidos, quase sempre, pelos estudantes veteranos, como discursos provocadores. Invariavelmente servem mais ao inimigo, dando pretextos, do que à causa pela qual se luta. A resposta do ex-governador não serviu, nem um pouco, à candidatura do ex-

governador Tancredo Neves.

A atitude dos estudantes calouros, como a atitude do ex-governador baiano, se explica pelos mesmos motivos: "Querem aparecer". Nos estudantes é até admissível, mas em se tratando de Antônio Carlos Magalhães, a coisa cheira a provocação.

Antônio Carlos Magalhães tinha anteontem, pelo menos, a obrigação de consultar os demais companheiros que apóiam a candidatura Tancredo, para então se posicionar sobre o discurso do ministro. Afinal, ele não é o único dissidente do PDS, embora o discurso do ministro tenha sido feito no seu quintal. E ele sabe, ou pelo menos deveria saber, que em política existem armadilhas.

O discurso do brigadeiro e ministro foi apenas óbvio para quem conhece, um pouco do espírito de unidade da corporação. Por mais hipócrita que possa parecer a valiação do senador Marco Maciel, dizendo que a carapuça não lhe servia, é a que está mais perto da realidade. Em termos de estratégia política, não é pivô da questão.

A resposta do ministro da Aeronáutica, em conversa depois com os jornalistas, de que as palavras do seu discurso serviam em quem coubesse a carapuça,

não passa de uma velha e surrada resposta, que ele é usurio e vezeiro em dar, sempre que faz um discurso barroco, tão a seu gosto. O que vale mesmo é fato de ter dito que o discurso servia apenas para mostrar a coesão das Forças Armadas. E se o discurso do ministro do Exército, há dias, foi sobre os dissidentes, Décio, ainda que a contragosto, teria, por tradição militar, que bater na

mesma tecla. E verdade que as palavras foram das mais duras. Mas isso são os ossos do ofício.

Tanto quanto se sabe, o presidenciável Paulo Maluf não faz brilhar a menina dos olhos do brigadeiro. Um fato antigo e outro que aconteceu ontem, no aeroporto da capital baiana deixam transparecer isso. Era notório, embora não público, que a candidatura do vice Aureliano Chaves, quando ainda existia, tocava o coração de Décio. No dia em que o avião da Cruzeiro, este ano, foi desviado por três brasileiros para Cuba, o ministro, horas depois, deu uma entrevista em sua casa, avaliando a situação. Já com o papo sobre o sequestro encerrado, um repórter, ao se despedir jogou verde: "Ministro como é que estamos em termos de sucessão presidencial?" Por uns instantes o ministro ficou calado mas a sua esposa, que estava por perto, adiantou: "Aqui em casa nós somos Aureliano". Décio tratou de conservar, acrescentando que a Dona Rute até podia ser Aureliano, mas ele era o candidato que o Presidente apoiasse. Obvio, não?

O discurso do brigadeiro e ministro foi apenas óbvio para quem conhece, um pouco do espírito de unidade da corporação. Por mais hipócrita que possa parecer a valiação do senador Marco Maciel, dizendo que a carapuça não lhe servia, é a que está mais perto da realidade. Em termos de estratégia política, não é pivô da questão.

A resposta do ministro da Aeronáutica, em conversa depois com os jornalistas, de que as palavras do seu discurso serviam em quem coubesse a carapuça,

Rui Nogueira
Especial para o JBr